



Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação  
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo  
FaBCI / FESPSP

Fábio Pereira Rosa  
Gustavo de Santana Santos

**A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA SOCIAL:  
ANÁLISE DE *ELES ERAM MUITOS CAVALOS E FILHOS DA PÁTRIA*.**

**São Paulo**

**2015**

**Fábio Pereira Rosa**  
**Gustavo Santana Santos**

**A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA SOCIAL:  
ANÁLISE DE *ELES ERAM MUITOS CAVALOS E FILHOS DA PÁTRIA*.**

Trabalho temático apresentado para  
as disciplinas do 2º semestre do curso de  
Biblioteconomia e Ciência da Informação.

**São Paulo**

**2015**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2 A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA SOCIAL.....</b>	<b>5</b>
<b>3 ELES ERAM MUITOS CAVALOS E FILHOS DA PÁTRIA: APROXIMAÇÕES</b>	<b>7</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>14</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>15</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Há uma longa trajetória literária na função de instrumento de denúncia das mazelas da sociedade. Escritores do quilate de Charles Dickens, Victor Hugo, Castro Alves, Aluisio de Azevedo e Graciliano Ramos navegaram por esses mares bravios, agindo como intelectuais engajados, colocando sua arte a serviço da crítica social.

De acordo com o crítico Antonio Candido, em seu antológico texto *O direito à literatura*, “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.” (2004, p. 186).

Tal função de que a literatura se reveste pode ser confirmada nos dois objetos de estudo deste trabalho, *Eles eram muitos cavalos*, do brasileiro Luiz Ruffato, e *Filhos da pátria*, do angolano João Melo.

Nosso objetivo, neste trabalho, é analisar a questão da literatura enquanto instrumento de denúncia das injustiças sociais, utilizando para efeito de comparação e estudo as duas obras citadas, elegendo suas aproximações linguísticas e de conteúdo.

Inicialmente, ofereceremos uma rápida pincelada no problema da literatura como veículo de denúncia. Em seguida, trataremos de provar que ambos os autores atendem aos parâmetros de Candido com relação à eficácia de uma obra que busca denunciar as “iniquidades sociais” (CANDIDO, 2004, p. 182). Procuraremos, por fim, demonstrar similaridades entre as obras em estudo, seja no âmbito formal quanto no temático, e passaremos à análise de alguns contos como exemplos.

## 2 A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA SOCIAL

É longa a tradição da literatura enquanto denunciadora das injustiças na sociedade. Na Inglaterra do século XIX, Charles Dickens, em obras como *Oliver Twist* e *Grandes esperanças*, representou “as distorções sociais causadas pelo processo de modernização da Europa, criando personagens-tipos e levando a crítica social ao extremo por meio da expressão literária.” (SILVA; MOREIRA, 2009, p. 127). Na França, temos como grande representante Victor Hugo, com sua obra monumental *Os Miseráveis*, “talvez o livro mais característico do humanitarismo romântico” (CANDIDO, 2004, p. 183).

No Brasil, românticos como Castro Alves, com relação à escravidão, naturalistas como Aluisio de Azevedo com seus tipos urbanos e regionalistas como Graciliano Ramos, nas mazelas dos retirantes nordestinos, todos foram eficientes ao expor as privações a que eram submetidas as classes desfavorecidas da sociedade brasileira. Tal eficiência, todavia, somente se fez incontestável devido a suas qualidades estéticas.

Antonio Candido, em sua inspiradora palestra, *O direito à literatura*, estabelece os parâmetros para que uma obra literária atinja sua máxima eficácia “ao tomar posição face às iniquidades sociais” (CANDIDO, 2004, p. 182):

[...] A paixão abolicionista estava presente na obra de ambos os autores, mas um deles foi capaz de criar a organização literária adequada e o outro não. **A eficácia humana é função da eficácia estética**, e portanto o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes. (CANDIDO, 2004, p. 182, grifos nossos.).

O autor se refere às obras de Castro Alves e Bernardo Guimarães, esclarecendo que o primeiro havia feito “obra autêntica porque foi capaz de elaborar em termos esteticamente válidos os pontos de vista humanitários e

políticos” (CANDIDO, 2004, p. 182), sendo portanto de boa qualidade, ao mesmo tempo em que o segundo não conseguiu imprimir os requisitos adequados ao seu trabalho, desqualificando sua obra enquanto eficaz na função de libelo humanitário.

Não basta apenas produzir um texto com elementos descritores da marginalização, da violência e miséria nas camadas mais pobres da sociedade. Para que a literatura atue como verdadeiro e eficaz instrumento transformador, de denúncia das mazelas sociais, o elemento estético é fundamental.

Tal dimensão estética se faz presente nas obras estudadas neste trabalho. *Eles eram muitos cavalos* e *Filhos da Pátria* apresentam uma linguagem coloquial, com grande variedade narrativa (ora monólogos, ora diálogos, fluxos de consciência), além da estrutura fragmentada do primeiro, que remete à complexidade social e psicológica dos seres humanos e à própria “precariedade” de uma grande cidade como São Paulo. Tratam-se, portanto, de obras que cumprem seu papel de “eficácia estética”, logo de grande valor na função de denunciadoras das injustiças sociais, como se verá adiante.

### **3 ELES ERAM MUITOS CAVALOS E FILHOS DA PÁTRIA: APROXIMAÇÕES**

*Eles eram muitos cavalos*, obra premiada de Luiz Ruffato<sup>1</sup>, é composta por 70 contos, ou antes, episódios da vida cotidiana da cidade de São Paulo. Em meio a narrativas tidas como tradicionais, o leitor se surpreende ao encontrar, em dado momento, a descrição de uma estante de livros; em outro, uma receita culinária; mais à frente, nada além de um cardápio de restaurante. Tal estrutura esquemática, não tradicional ou padronizada, é refletida na estrutura poética em que tais contos são apresentados.

Alternando entre narradores em 1ª e 3ª pessoas, discursos diretos e indiretos, monólogos e diálogos, fluxos de consciência e pontos de vista por vezes mesclados, além de episódios inteiros produzidos em parágrafo único, a obra traz uma polifonia que reflete a vida intensa e múltipla da grande cidade. Ademais, a coloquialidade da linguagem que permeia todas as narrativas parece ter uma função além da artística, pois ao se aproximar dos heróis de cada episódio, traz um aspecto de subversão contra o sistema estabelecido. Voltaremos à questão da linguagem mais adiante.

A temática de *Eles eram muitos cavalos* são a miséria, a violência social, os excluídos pela sociedade. Dar voz aos excluídos, por sinal, é a função do intelectual engajado, segundo nos apresenta Marilena Chauí a opinião de Sartre: “O intelectual engajado é o escritor de atualidades que opina e intervém em todos os acontecimentos relevantes, à medida que vão se sucedendo uns aos outros. É um estado de vigília permanente.” (CHAUÍ, p. 6). Tal atitude é levada a cabo quando um escritor se propõe a escrever sobre as mazelas da sociedade, e é o que faz Ruffato ao projetar a voz dos que ficam à margem.

Retomemos a questão da linguagem. Ao abrir mão de um formalismo tradicional, a obra adquire uma nova roupagem, transgressora e engajada.

Nas palavras de Braga (2009, p. 1):

---

<sup>1</sup> Luiz Ruffato nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 1961. Formado em comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, é autor, entre outros, da pentalogia *Inferno provisório* e do romance *Estive em Lisboa e lembrei de você* [...]. Vencedor dos prêmios APCA e Machado de Assis, *Eles eram muitos cavalos* foi considerado pelo jornal *O Globo* um dos dez melhores livros de ficção da década, e está publicado na França, Itália, Portugal, Alemanha, Colômbia e Argentina. (texto extraído do livro)

A literatura atua como um elemento de transgressão ao poder da língua no tocante a construção e reconstrução da linguagem, mas também opera como uma forma de subversão às esferas do poder institucionalizado. No primeiro caso por romper as regras linguísticas e atingir a subjetividade do leitor gerando a produção de novos sentidos. No segundo por figurar como um espaço de denúncia contra a injustiça social.

Não somente o estilo informal, coloquial, mas também a pluralidade dos discursos a cada episódio remete a uma proximidade com os personagens retratados. Dar voz a uma classe marginalizada caracteriza com mais força o engajamento desta obra, no sentido de se fazer valer como veículo de denúncia das injustiças da sociedade retratada.

É notável a semelhança de estilo e tema entre esta obra e *Filhos da Pátria*, de João Melo<sup>2</sup>. Ambos os autores desfrutam de fontes irmanadas no contexto histórico e suas consequências sociais. Brasil e Angola, respectivamente pátrias de Ruffato e Melo, tendo sido colônias portuguesas, ainda passaram por totalitarismos e guerras nos períodos subsequentes (duas ditaduras deste lado do Atlântico, uma guerra civil do lado de lá), tendo como resultado a miséria, as disparidades sociais, a violência que ainda se fazem presentes. Tais acontecimentos deram aos dois autores a possibilidade de atuarem como intelectuais engajados, denunciando através de sua arte as mazelas que fazem parte das sociedades vítimas de tais eventos, e que puderam testemunhar com olhar crítico.

A similaridade também ocorre no âmbito estrutural e linguístico. O livro de Melo igualmente é dividido em contos, embora neste caso de maneira mais tradicional em seu esqueleto. Dez contos perfazem a obra, todos abrangendo as condições sociais, as lutas inglórias, a violência e a miséria a que são

---

<sup>2</sup> João Melo nasceu em 1955 em Luanda, onde vive. É escritor, jornalista, publicitário, professor universitário de Comunicação e foi deputado da Assembleia Nacional de Angola. Fez os primeiros estudos em Luanda. Cursou Direito em Coimbra e Luanda. De 1984 a 1992 morou no Rio de Janeiro, como correspondente de imprensa. Nesse período, graduou-se em Jornalismo na Universidade Federal Fluminense e fez mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Poeta, contista, cronista e ensaísta, publicou dez livros de poesia, quatro de contos e um de ensaios. [...] É um dos autores africanos mais estudados nas universidades brasileiras. (texto extraído da orelha do livro).



submetidas as classes menos favorecidas do povo luandense (aqui, mais uma aproximação: ambos os livros trazem como palco as maiores cidades de cada país, São Paulo e Luanda). Notamos em ambas as obras a informalidade da linguagem, o coloquialismo, a alternância entre tipos de narradores, discursos e pontos de vista. Como se tal fórmula fosse a mais adequada para o tipo de literatura que ambos propõem, eles adaptam a linguagem e a forma na tentativa de atingir um objetivo comum: aproximar o leitor do contexto em questão, levando a uma ruptura das convenções, o que assinalaria a transgressão que configura a denúncia social.

Uma análise mais abrangente também nos permite observar uma aproximação entre suas obras num contexto histórico-social, como pertencentes a um sistema literário e linguístico.

Nas literaturas africanas de língua portuguesa encontraremos conjuntos de autores conectados entre si e já possuidores de um repertório nacional que lhes fornece uma tradição. Além disso, também se conectam com conjuntos de autores brasileiros e portugueses e aos públicos já existentes fora de seus territórios nacionais. Ao construírem uma literatura em língua portuguesa, angolanos, moçambicanos e cabo-verdianos, contam com um repertório em português de Portugal e Brasil. E contam também com os públicos destes países aproximados pela língua. (NEVES, 2008, p. 11).

Temos, assim, sob um viés histórico-social, além dos já mencionados linguístico e temático, uma aproximação observável entre as duas obras.

Passemos agora a uma análise de *Eles eram muitos cavalos*, buscando observar seu papel enquanto acusador das injustiças sociais, em paralelo com algumas aproximações com *Filhos da pátria*.

O conjunto de episódios contidos em *Eles eram muitos cavalos* traz o retrato da vida na metrópole. São Paulo, o palco onde anônimos representam seus papéis, é apresentada como uma mãe que não escolhe os filhos que

recebe, desde aqueles em situação mediana até os totalmente desprovidos de dignidade e condições de sobrevivência. E a “precariedade” da forma do romance (Ruffato o considera “um romance que não era propriamente um romance”) representaria a precariedade da própria cidade. (RUFFATO)

Ruffato pretende produzir uma obra literária que abarque, que seja a história do proletariado brasileiro. Que dê voz às classes menos favorecidas. E Eles eram muitos cavalos faz parte dessa missão artística, com a reunião dos episódios que compõem esse livro.

O episódio “Ratos” (p. 21) é a síntese da desesperança. Uma família, composta pela mãe e várias crianças, convivendo, em um barraco, com ratazanas e percevejos e pulgas, no mais completo abandono, sem as menores condições de dignidade, são o retrato da iniquidade social. O narrador onisciente nos apresenta, na 3ª pessoa e em poucas linhas, um recorte temporal na vida dessas pessoas. A cena se passa no interior de um barraco, em que dormem – ou antes prostram-se? – os moradores: a mãe e pelo menos cinco filhos menores de 11 anos. O narrador age como um observador dos fatos que, onisciente, nos informa eventos presentes – um rato morde um bebê; uma criança de três anos tossiu a noite toda devido ao frio que passou, já que seu irmão de seis enrolou-se no único cobertor disponível – e passados – o relacionamento da mãe com um homem que, tendo abusado de sua filha mais velha, foi por ela queimado e morto.

Voltando ao presente, o narrador, no seu ímpeto denunciador das mazelas sociais, fornece ao leitor um sopro de esperança, ao descrever como a filha de onze anos é “ajuizada”, cuida dos irmãos menores, “carrega eles para comer na sopa-dos-pobres, leva eles para tomar banho na igreja dos crentes, troca a roupa deles, toma conta direitinho, a danisca.” (p. 23). Porém, logo em seguida nos informa que, enquanto essa filha conta histórias para os menores dormirem, a mãe está em meio a um intercuro sexual com um estranho, mantendo assim uma situação de perpetuidade nas relações sociais em que está inserida. Fica, então, a pergunta: o que será do futuro dessas pessoas? Essa criança, que se afigura um alento de esperança nesse núcleo,

terá um destino mais digno? Ou será mais um elo nessa corrente nefasta, que mantém presos os “atores” dessa tragédia composta pelas iniquidades sociais?

Como que numa possível resposta a essas perguntas, configurando talvez uma sequência a esses fatos, temos o conto “O feto” (p. 147), de Filhos da pátria.

Conta a história de uma adolescente que, prostituta, tendo inadvertidamente engravidado, aborta e joga o feto no lixo. Alguém o encontra, fazendo com que o acontecimento vire notícia, com a presença inclusive da imprensa.

A narrativa, entretanto, é feita em 1ª pessoa, um monólogo. Através desse recurso, que torna o relato mais pungente, aproximando o leitor do personagem, ela conta toda sua trajetória, desde a vida “no mato” com os pais e irmãos, a guerra (civil) que levou estes últimos, sua vinda para a cidade e a miséria que então se instalou. Instada por sua mãe, pressionada pela miséria, aos treze anos ela então se prostitui, e dois anos depois o resultado é o feto abortado.

A narrativa tem um caráter muito forte de denúncia social ao apresentar as mazelas de uma família que, além de vítima da violência da guerra, ao fugir para a cidade tem que se submeter à violência social urbana, na imagem da menina que se prostitui para sustentar a família. Além disso, o conto traz uma crítica à hipocrisia da sociedade, pois somente ao abortar o filho a personagem consegue chamar a atenção para sua situação, mas não para ajudá-la, e sim para condená-la por um crime. Onde estava essa gente quando ela mais precisava de auxílio, que poderia ter evitado esse ato?

Diversos contos – ou episódios – de um e outro livro trazem esse caráter de denúncia. Seja ela social, seja de um vazio existencial. “O que quer uma mulher” (p.23), por exemplo, embora situe seus personagens na periferia, em meio a situações de tiroteio entre polícia e bandidos, além da precariedade financeira por que passa a família, ainda que não sejam miseráveis, descreve as necessidades espirituais de uma esposa para quem a vida que levam não é suficiente. Ela não suporta mais viver num lugar inseguro, não aguenta mais

tantas dívidas e principalmente não tolera a impassividade, a imobilidade do marido diante da necessidade de mudança. Em certa passagem do episódio, em seu desabafo ela afirma que o despojamento do marido, seu pouco interesse por coisas práticas, se antes era uma qualidade, agora é um defeito:

estou cansada muito cansada cansada de viver com um lunático que a única coisa que dá valor na vida é a esses livros que só servem pra encher a casa de fungos e adoecer as crianças só pra isso e a esse esse esse estilo de vida essa essa opção pela pobreza ah tenha paciência o que há dez anos me fascinava hoje me aborrece (p. 25)

Ao final da narrativa, ela questiona o modo de ser do companheiro, dando a entender que não o reconhece mais:

¿quem é esse homem, meu deus, cara gorda ponte-móvel barriga-de-barril roupas desleixadas sem amigos

que gasta as manhãs de sábado lavando o cachorro e o quintalzinho latinhas de cerveja e tira-gostos espetados no palito

que gasta as tardes de domingo vendo futebol na televisão latinhas de cerveja e tira-gostos espetados no palito

e que dorme em sua cama e que é o pai de seus filhos e que já não reconhece

quem é esse homem quem? (p. 27)

Abordagem parecida é utilizada por João Melo em “Natasha” (p. 37). O que teria levado a russa a ir de Moscou a Luanda viver com um angolano que mal conhecia? É o que questiona o narrador-personagem, ao avistar aquela “jovem completamente branca e loira” (p. 40) em meio ao cenário miserável de um bairro periférico de Luanda, “com um enorme bidon de água na cabeça” (p. 40). A narrativa, desenvolvida em estilo arrojado, alternando, de

maneira sempre súbita, as falas do narrador com as dos dois personagens, nos faz saber que Natasha e Adão se conheceram em uma festa em Moscou, e a atração sexual foi imediata. Após algumas mentiras por parte dele, e dela o desejo de sair daquele lugar, acabaram se dirigindo a Angola. Lá, ela – que acreditava ser Adão um príncipe dono de imensas terras – vai morar em meio à pobreza extrema. Após um tempo, grávida, descobre que o marido tem outra mulher. Após grande indignação, considerando inclusive voltar à Rússia, decide, entretanto, continuar a viver com ele. Ora, o que a fez permanecer nessa situação? Amor?

Notamos certo paralelismo com o episódio anteriormente analisado. Ambas as mulheres questionam sua situação, mas enquanto a segunda parece ter aceitado esse fato, a primeira demonstra uma indignação que pode levar à mudança. A maior semelhança entre os contos, porém, é a denúncia das condições em que vivem os habitantes de cada lugar, palco de miséria, violência, injustiça social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos demonstrar que a literatura tem um papel social, o de servir como instrumento de denúncia das mazelas, das injustiças, da violência que assola a sociedade.

Para que a obra literária atinja esse objetivo com eficácia, no entanto, não pode, nos dizeres de Antonio Candido, ser produzida “por meio de finalidades alheias ao plano estético, que é o decisivo.” (CANDIDO, 2004, p. 181). Ou seja, deve, além da tonalidade crítica, atender aos requisitos estéticos que a definem como obra artística.

Pudemos provar que as obras em estudo atendem a esses parâmetros, ao apresentarem ambas um estilo arrojado de linguagem, como a coloquialidade, alternância de narradores, diferentes pontos de vista, assim como, em especial em *Eles eram muitos cavalos* uma estrutura fragmentada, que remete à precariedade da cidade de São Paulo, e a uma complexidade social e psicológica, provocando assim uma proximidade com o leitor.

Em seguida, após um estudo acerca de cada obra em seu próprio contexto, efetuamos uma investigação sobre o que as torna afins, chegando à conclusão que ambas compartilham não apenas uma similaridade estrutural e linguística, mas também emanam de sociedades com contextos histórico-sociais muito próximos: antigas colônias portuguesas e posteriores instabilidades sociais, que resultaram em miséria, abismo social e violência, problemas que ainda não conseguiram superar.

Por fim, com o objetivo de estabelecer uma aproximação entre as obras, fizemos a análise de alguns episódios/contos de ambas, procurando as similaridades tanto de estilo quanto de conteúdo, encontrando bons exemplos dessas congruências e confirmando, portanto, que ambas as obras se afiguram grandes exemplares da literatura como veículo de denúncia social.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, E. F. **Literatura, poder e contra-poder**. Revista Hispanista. n. 397. <<http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/397.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2015.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CHAUÍ, M. **Intelectual engajado**: uma figura em extinção? <[http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intelectual\\_engajado.pdf](http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intelectual_engajado.pdf)> Acesso em: 21 nov.2015.

MELO, J. **Filhos da pátria**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NEVES, A. G. **Câmara Cascudo e Oscar Ribas**: diálogos no Atlântico.<[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-19012009-153231/publico/ALEXANDRE\\_GOMES\\_NVES.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-19012009-153231/publico/ALEXANDRE_GOMES_NVES.pdf)> Acesso em: 20 nov. 2015.

RUFFATO, L. **Eles eram muitos cavalos**. 11. ed., rev. e def. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RUFFATO, L. **Entrevista com Luiz Ruffato**: depoimento. São Paulo: Entrevistas, por Heloisa. Entrevista concedida a Heloisa Buarque de Holanda.<<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevista-a-luiz-rufato/>> Acesso em: 22 nov. 2015.

SILVA, M.; MOREIRA, M. **A crítica social de Charles Dickens nas obras...**Linguagens, Blumenau, v. 3, n. 2, p. 126-134, mai./ago. 2009.<<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/1880/1302>> Acesso em: 22 nov. 2015.